[Recensão a] José António Gonçalves, Rente aos olhos / Rasente gli occhi, traduzioni di Silvana Urzini e Carlos Martins

Autor(es): Rodrigues, Ernesto

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/42664>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/0870-8584_2_26

Accessed : 26-Apr-2023 13:51:08

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Estudos Italianos em Portugal

Instituto
Italiano
de Cultura
de Lisboa

Nova Série
Nº 2

revista *Presença*, tentando iludir as tendências isolacionistas do Estado Novo.

O trabalho de Maria José de Lancastre, *last but not least*, apresenta uma visão de Portugal que é focada através de múltiplos olhares, o dos críticos (Huysmans), o dos artistas (Milhaud e Fernand Gregh) e, finalmente, o de Pirandello, numa perspectiva imagológica rica pelo valor de descoberta de uma era em que as relações culturais luso-italianas eram bem mais escassas do que nos dias de hoje. ALBERTO SIMONDINI

José António Gonçalves, *Rente aos olhos / Rasente gli occhi*, traduzioni di Silvana Urzini e Carlos Martins, Napoli, Liguori Editore, 2006, X+147 pp. [col. Lusitana Italica]

José António Gonçalves (1954-2005), que preparou esta antologia e ainda dialogou com os tradutores, tinha em Itália relações amigas e admiradores da sua lírica que poderiam significar a via real para um reconhecimento no Portugal aquém-Atlântico. Ele fora, já, a alma da antologia organizada por Giampaolo To-

nini, *Poeti Contemporanei dell'Isola di Madera* (Centro Internazionale della Grafica di Venezia, 2001), e a sua inclusão em *Crónica Jornalística. Século XX* (Círculo de Leitores, 2004), de Fernando Venâncio, significava a aceitação, em Lisboa, de uma faceta de antigo jornalista e cronista continuado, qualidade em que se estreia (*Réstea de qualquer coisa*, Funchal, 1973), no mesmo ano em que também inaugura uma vintena de participações em coletivos de poesia, que maioritariamente organiza, tornando-se o principal recolector e divulgador de seus pares na ilha. Com mais proventos na filmografia que assinou (1978-1994) e na Imprensa escrita, ficará, todavia, o conjunto de 18 títulos de poemas (1974-2004) em nome próprio – incluindo *Tem o Poder da Água. Obra Poética (1973-1995)*, 1996, que prefaciámos –, a que se acrescenta, doravante, esta segunda antologia, com, nos 41 éditos, a décima parte (ou menos) de produção infelizmente pouco conhecido.

Os nove inéditos (e outros ficaram de fora) denunciam dúvidas sobre um caminho tão disseminado e tenteios sobre o rumo

a seguir, que, todavia, se percebia quase a fechar na curva fatal: ora retomam o discursivismo lido em Ruy Belo e na poesia *underground*, anterior a 1988 (quando se inaugura esta selecção), ora optam por uma rarefacção da palavra-verso, invulgar em quem discutia permanentemente o seu fazer e que, admirando embora a aforística de um Albano Martins, não pretenderia secundá-lo. Para lá do “Não sei” e da suspensão de rotinas que lhe davam assunto, punge-nos um tempo futuro de que o poeta se declara, serenamente, ausente.

João Rui de Sousa (cuja obra poética completa, agora em dois volumes, pudera ter sido referida no rodapé da p. 15) era dos amigos e críticos mais próximos; e dá-nos, no Prefácio (p. 2-15), uma das melhores sínteses de J. A. Gonçalves: o respectivo título, “Em torno do calor das coisas”, remete para uma paixão destas, de um nominalismo com que veio erguendo a sua ilha – e, das nossas conversas, resultava a necessidade, sentida pelo artista, de, após a enumeração e descrição do *locus*, historiar séculos da mesma ilha, como para reforçar uma identidade –, bem como

para o alvoroço de que tudo se tingia na linguagem e empatia que do autor civil nasciam, com reflexos no verso (disso são bons exemplos os titulados por Natália Correia e Sophia ou os inúmeros relativos a membros da família, de que se dá pálida imagem). Nesse contexto, relevemos, dos tópicos lançados por João Rui de Sousa, os do quotidiano, do amor e da levitação; acrescentemos – sem repetir quanto, desde 1981, vimos escrevendo sobre o poeta, cuja reunião de apontamentos antecede o volume de *Ilha 5* (no prelo), colectivo de poesia madeirense em que se empenhava desde 1975 e cujo quinto volume deixou incompleto, a ultimar pelo filho Marco Gonçalves –, quiçá derivação do primeiro, a deambulação nocturna, ou noctambulismo, pelo “empedrado dos meus pensamentos” (p. 24), “na calçada / de todas as madrugadas” (p. 32), em que entranhadamente sentíamos o que exprimiu na fórmula “E levito absorto no espaço” (p. 90), ou as tão produtivas “Noites de Insónia” (p. 44), num bar ou já em casa. Educado no livre associativismo metaforizante surrealista a que, em geral, concedia um fôlego

oratório (faceta aqui pouco representada); argumentando muito do seu percurso na amizade, com efeitos no peritexto; em homenagens regulares a figuras de uma biblioteca imaginária (e, mesmo, a músicos e pintores), mais extensa do que sugerem os agora eleitos – para lá disso, seremos mais sensíveis aos “pequenos nadas” (p. 32, 68, 92) com que se veio praticando a vigilância dos dias e do verbo.

Deste, a tradução é fidelíssima. Passado o sobressalto inicial de um “vicino” repetido para “perto” e “junto” (p. 24-25) e de um longo verso italiano para o sintético “mas não bati em latas” (p. 38), redobra-se a atenção e saímos cumulados pelo bem achado de soluções. Uma teoria da tradução dedicar-se-ia, porém, ao estudo do gerúndio e suas variações italianas (em gerúndio, com *mentre*, e, sobretudo, *che* seguido de presente do indicativo, etc.). Se a rima é dada com alguma facilidade e, quando não, não (e ainda bem), menos se justifica a única violência (apesar do efeito) das p. 116-117: para rimar com “richiamo”, transforma-se “O pai está ao teu lado” em “C’è papà che dice “ti amo”.

Olhando a correcção futura: se a nota final de Maria Luisa Cusati e um poema-homenagem de Carlos Martins são escritos *post mortem*, mal se compreende a redacção em presente na Biobibliografia das p. 18-19. ERNESTO RODRIGUES

Marco Santagata, Laura Carrotti, Alberto Casadei, Mirko Tavoni, *Il filo rosso. Antologia e storia della letteratura italiana ed europea*, Roma, Bari, Laterza, 2006, vol. 1 (2 tomos, 896+848 pp.), vol. 2 (3 tomos, 816+788+520 pp.), vol. 3 (3 tomos, 748+536+1044), *Guida alla scrittura* (224 pp.) e *Guida per il docente 1* (173 pp.).

Este conjunto de instrumentos é formado por cerca de 7000 páginas que tratam, sob um prisma científico-pedagógico, a literatura italiana e europeia, percorrendo o arco diacrónico que vai desde as suas origens à actualidade. A equipa responsável pelo projecto, coordenada por Marco Santagata, esteve à altura dessas ambições. Mostra-o a simbiose entre possibilidades de aplicação latentes e estruturação crítica. O profundo conhecimento da-